



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14062732>

e-ISSN: 2177-8183

**CORPO, DESEJO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE: UMA ANÁLISE
CARTOGRÁFICA A PARTIR DE DELEUZE E GUATTARI**

***BODY, DESIRE AND PRODUCTION OF SUBJECTIVITY: A CARTOGRAPHIC
ANALYSIS FROM DELEUZE AND GUATTARI***

***CUERPO, DESEO Y PROCUCCIÓN DE SUBJETIVIDADE: UM ANÁLISIS
CARTOGRÁFICO DE DELEUZE Y GUATTARI***

Daniel Augusto de Souza Pereira
daniprofbh@gmail.com

Graduado em Educação Física e Psicologia pela UNIPAC-CL
Faculdade Presidente Antônio Carlos de Conselheiro Lafaiete – MG

Michel de Rezende Costa
michel.costa@unipac.br

Mestre e graduado em Psicologia pela UFSJ
Faculdade Presidente Antônio Carlos de Conselheiro Lafaiete - MG
Orcid- <https://orcid.org/0000-0002-8785-7116>

RESUMO

Este trabalho busca investigar os processos de subjetivação relacionados à prática do triatletismo fundamentado na perspectiva teórica/conceitual de Gilles Deleuze e de Félix Guattari. Como experiência de autorrelato, a presente reflexão parte do interesse em cartografar a experiência do corpo nesse esporte com o objetivo de identificar os elementos componentes da subjetividade e explicitar os dispositivos de subjetivação na trajetória do atleta. O percurso metodológico ocorre a partir de uma revisão da literatura sobre cartografia nos dois autores em interface com a construção de narrativas que podem ser identificadas nas seguintes esferas: na individualidade/singularidade do pesquisador e na sua relação com o coletivo e com as instituições. O presente estudo justifica-se na crença de que cartografar e demarcar a manifestação dos desejos possibilita uma construção dos processos de subjetivação na esfera política, menos alienada à ideologia capitalista, além de criar novos dispositivos de subjetivação. Conclui-se que a construção dos processos de subjetivação mostra-se na dinâmica das experiências com o esporte em

contraposição a uma visão ontológica e estática da subjetividade, que pode ser reduzida por uma performance de resultados do corpo.

Palavras-chave: Corpo. Território. Cartografia. Cognição. Subjetividade.

SUMMARY

This work seeks to investigate the processes of subjectivation related to the practice of triathletics based on the theoretical/conceptual perspective of Gilles Deleuze and Félix Guattari. As a self-report experience, this reflection is based on the interest in mapping the body's experience in this sport with the aim of identifying the component elements of subjectivity and explaining the subjectivation devices in the athlete's trajectory. The methodological path takes place based on a review of the literature on cartography by the two authors in interface with the construction of narratives that can be identified in the following spheres: individuality/singularity of the researcher and their relationship with the collective and institutions. The present study is justified by the belief that mapping and demarcating the manifestation of desires enables the construction of subjectivation processes in the political sphere, less alienated from capitalist ideology, in addition to creating new subjectivation devices. It is concluded that the construction of subjectivation processes is shown in the dynamics of experiences with sport as opposed to an ontological and static view of subjectivity, which can be reduced by a performance of body results.

Keywords: Body. Territory. Cartography. Cognition. Subjectivity.

RESUMEN

Este trabajo busca investigar los procesos de subjetivación relacionados con la práctica del triatlético, a partir de la perspectiva teórico-conceptual de Gilles Deleuze y Félix Guattari. Como experiencia de autorreporte, esta reflexión se basa en el interés de mapear la experiencia del cuerpo en este deporte con el objetivo de identificar los elementos componentes de la subjetividad y explicar los dispositivos de subjetivación en la trayectoria del deportista. El recorrido metodológico se desarrolla a partir de una revisión de la literatura sobre cartografía de los dos autores en interfaz con la construcción de narrativas que pueden identificarse en los siguientes ámbitos: individualidad/singularidad del investigador y su relación con el colectivo y las instituciones. El presente estudio se justifica por la creencia de que mapear y demarcar la manifestación de los deseos permite construir procesos de subjetivación en la

esfera política, menos alienados de la ideología capitalista, además de crear nuevos dispositivos de subjetivación. Se concluye que la construcción de procesos de subjetivación se muestra en la dinámica de las experiencias con el deporte frente a una visión ontológica y estática de la subjetividad, que puede reducirse por una actuación de resultados corporales.

Palabras clave: Cuerpo. Territorio. Cartografía. Cognición. Subjetividad.

INTRODUÇÃO

Entender a subjetividade humana sempre foi uma questão cara à Psicologia. Dessa maneira, diferentes teorias surgem a fim de explicar como isso acontece: afinal, o que é a subjetividade? Diferentes conceitos surgiram do interesse em responder a essa questão e influenciaram as ciências psicológicas tradicionais.

Na história do pensamento ocidental, a definição da subjetividade em Descartes e Kant se fundamentou na possibilidade e condição do conhecimento, apontando a razão como principal polo cognoscente nos processos de subjetivação.

Não obstante, as ciências tradicionais, assim como a(s) psicologia(s), adotam o modelo da representação como base estrutural da cognição colocando de lado o seu caráter criativo.

Embora esses pensadores tenham influenciado o modo de compreender o processo de conhecimento, este artigo parte das contribuições reflexivas de Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre os processos de subjetivação. Esses autores rompem com a estrutura tradicionalista sobre os estudos da cognição e apontam sua dimensão criativa como fundamental no processo de produção da subjetividade.

O tema da cartografia é tido como um problema metodológico frente aos impasses no campo dos estudos da cognição. Passos, Kastrup e Escóssia (2012) apontam que a noção de subjetividade deve ultrapassar o modelo da representação. Segundo as autoras, “é preciso superar o pressuposto de que conhecer é representar

ou reconhecer a realidade” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2012, p. 13). Emerge daí a dimensão criativa da cognição.

Este trabalho, mediante os conceitos cartografia e corpo sem órgãos (CsO) de Deleuze e Guattari (2011a, 2011b, 2012), utiliza a subjetividade triatleta do próprio pesquisador como objeto de pesquisa e busca, a partir da confrontação entre a narrativa/experiência do autor-pesquisador e sua fundamentação teórica, cartografar o curso do processo-criação desse território para identificar suas linhas de composição.

O que pode ser considerado um território subjetivo existencial? O que é e como se cria um corpo sem órgãos? O que são políticas cognitivas e qual a diferença entre política da representação e política criacionista? Como o corpo se configura um território político?

Essas perguntas são fundamentais por articularem os conceitos da pesquisa com a experiência do pesquisador e, assim, destacar os fatores relevantes nesse processo.

Com a intenção de explicitar os elementos da subjetividade e as linhas de composição do dispositivo triatlón, destaca-se, em resultados e discussão, um texto-cartografia que expõe a narrativa do pesquisador sobre a experiência do seu corpo no processo-criação da subjetividade triatleta. Em seguida, são apresentados os resultados e discussões que surgiram durante a análise do percurso. E, por fim, são feitas as conclusões que se apresentaram até o momento da finalização deste artigo.

Uma implicação com o problema

Entendendo o triatlón como um dispositivo de subjetivação, como um território criado por afetos e desejos singulares, a escolha por esse tema surge do interesse em cartografar este percurso: a experiência do corpo na criação desse território.

Torna-se pertinente uma breve explicação sobre essa modalidade esportiva, o triatlão, que, na verdade, é uma combinação de três modalidades, sendo elas a natação, o ciclismo e a corrida. Durante uma competição, elas são realizadas nessa sequência e sem interrupção.

As distâncias olímpicas são 1.500 metros de natação, 40 quilômetros de ciclismo e 10 quilômetros de corrida, porém, essas distâncias e o ambiente físico das competições podem variar de acordo com o interesse da organização de cada evento. Por exemplo, o ciclismo e a corrida podem ser tanto na montanha quanto no asfalto, e a natação pode alternar entre lagoa e mar aberto.

É condizente dizer, que o envolvimento desse corpo nas modalidades do triatletismo, teve início com o seu processo de formação acadêmica. Para analisar este percurso, buscou referências a partir dos afetos e tensionamentos que fizeram parte desta construção: a graduação em Educação Física em 2006, a especialização em Anatomia Funcional em 2018 e a graduação em Psicologia em 2023 quando surgiu o interesse pelos processos cognitivos e pela relação do corpo nos processos de produção de subjetividade.

Em busca de respostas para entender como o corpo se insere no processo de produção da subjetividade eu me aprofundi em estudos sobre as bases biológicas do comportamento humano, nos quais me deparei com a seguinte questão: qual o papel do corpo na produção da subjetividade?

Inicialmente, surgiram respostas-padrão baseadas nas alterações neurofisiológicas do corpo humano, um corpo ainda aprisionado numa visão dualista cartesiana: corpo – mente. Não menos, tanto a neurociência como outras abordagens cognitivistas da Psicologia tradicional não conseguiam explicar o que era percebido para além dos efeitos neurofisiológicos e psicológicos provocados pela prática do triatletismo. Tais ciências não têm interesse em explicar, por exemplo, como o corpo se coloca no processo de produção da subjetividade.

A Psicologia, em suas diversas abordagens, pretere a importância do corpo nos processos de subjetivação dando ênfase aos processos mentais. Todavia, pensar a constituição da subjetividade por um viés construtivista, é também pensar o corpo em relação: é colocar em análise o corpo que se produz na relação. É pensar a própria relação em si e os fluxos e as intensidades que a atravessam.

Uma vez observado o (des)interesse da Psicologia tradicional sobre a potência do corpo na construção da subjetividade, é notória a relevância das pesquisas sobre a mente em detrimento do corpo, menosprezando a potência do(s) corpo(s) que se produz(em) nas relações (Romagnoli; Simonini, 2023).

O tradicionalismo da(s) psicologia(s) nos estudos sobre a cognição e os processos subjetivos dificulta o entendimento sobre a participação/importância do corpo na construção da subjetividade, que é a problemática discutida neste artigo.

Retornando de modo particular sobre o lugar do corpo nesta reflexão, é preciso referenciar os agenciamentos intra e interpessoais advindos da prática do triatletismo. Agenciamentos que serão aqui chamados de “coisas”. Em relação ao triatlão, elas aconteciam pela prática desse esporte e influenciavam minhas construções subjetivas.

Como produto, percebo que a prática dessa modalidade esportiva influencia meus processos cognitivos e afetivos: altera o fluxo dos meus pensamentos, sentimentos e emoções; modifica o modo como me percebo no mundo e a minha percepção do mundo; ou seja, modifica a minha subjetividade.

Essas “coisas” eram, para mim, até então intransponíveis para uma linguagem científica devido à sua inadequação a uma metodologia específica. Tal condição é ultrapassada quando o método da cartografia, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, aponta pistas que possibilitaram investigar o curso deste processo. Acredito, que essa maneira de pesquisar, mais preocupada em acompanhar o percurso e menos com os objetivos *a priori*, amplia as possibilidades de compreensão desse problema.

A escrita da apresentação em primeira pessoa justifica-se por entender que a cartografia, enquanto um método ético-político de fazer pesquisa, não comunga com a pseudoneutralidade das ciências positivistas tradicionais e, assim, esse tempo verbal responde a uma ética pautada no próprio método.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico se constituiu a partir do autorrelato do pesquisador sobre o processo de criação da subjetividade triatleta em confrontação com os conceitos esquizoanalíticos, cartografia e corpo sem órgãos, de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Em paralelo à experimentação/vivência do pesquisador nesse território, foi realizada uma revisão bibliográfica de natureza qualitativo-exploratória sobre os temas produção de subjetividade, cognição inventiva/criacionista e cartografia.

Para cartografar as linhas de composição do território triatlón, aqui investigado, foram seguidas algumas pistas que podem ser encontradas no livro *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* de Passos, Kastrup e Escóssia (2012), a saber: Pista 1. A cartografia como método de pesquisa-intervenção; Pista 2. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo; Pista 3. Cartografar é acompanhar processos; Pista 4. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia; Pista 7. Cartografar é habitar um território existencial e Pista 8. Por uma política da narratividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cartografar, de acordo com Passos, Kastrup e Tedesco (2012, p. 13) é “habitar um território existencial”, mas, também, é criar esse território.

O texto-cartografia a seguir é resultado da tentativa do autor-pesquisador em explicitar as linhas de composição do dispositivo triatlão, no qual, por meio dele, surge a narrativa da experiência do corpo na criação desse território.

TEXTO-CARTOGRAFIA

Um corpo, um território, uma subjetividade...

Um corpo corre

Ser um triatleta é o mesmo que ser uma máquina? Como é esse corpo? Existe uma forma definida? Como se tornar um triatleta, que corpo precisa? CORPO, precisa?

Triatlo. Corpo. Desejo... territórios!

Triatleta. Essa coisa é uma máquina? Triatleta, corpo-máquina. Triatlo: nadar, pedalar, correr... é isso!

Medo! Porque tanto medo? O que é preciso para se tornar um triatleta? Qual corpo, corpo-máquina? Como criar esse corpo? Correr, nadar, pedalar... só isso?!!!

Uma história, um triatlão. Para entender, foi preciso cartografar o percurso. Foi preciso voltar um pouco mais.

Graduação em Educação Física no ano de dois mil e seis – dezenove anos de idade. Aluno, corpo mais novo da turma. Um amigo corre, um corpo-que-corre (corre muito, uns vinte quilômetros por dia). Um corpo-outro corre, meu corpo corre.

Um afeto, um desejo, uma ideia... corre!

Corrida de rua. Meu corpo agora corre. Corre três, quatro, cinco, seis quilômetros por dia. Lagoa da Pampulha, ida e volta para casa, completo agora dez km: dez k como dizem os corpos que correm.

O corpo gosta, se empolga e corre mais e mais e mais. O corpo não para, corre. Corre todo dia, aonde estiver, em qualquer lugar o corpo agora corre.

Cria corrida, cria territórios. O corpo que agora corre se cria. Se re-cria!!!

Um corpo compete

Corrida de rua. O corpo que agora corre se inscreve, compete, completa. Dez quilômetros na Lagoa da Pampulha. Gosta, quer mais. Corre montanha. Jeceaba. Sobe montanhas por toda parte. Serras de Minas e todas possíveis. Cria grupo de corpos-que-correm. Outro corpo se forma, se junta, se afeta, afetos. Criam-se corpos que correm. Desejos que correm. Escorrem. Correm!

Um corpo nada

O corpo que trabalha, trabalha agora (também) com natação: nada, aprende, apreende, ensina, trabalha, nada, se cria, re-cria. Busca. O corpo-que-nada se forma, se transforma. O corpo-que-nada trabalha e corre. O corpo vibra, tensiona, deseja; o corpo-vida, vive, experimenta, experiência!

Um corpo pedala, um corpo bebe

O corpo agora pedala. Jeceaba. Corpos amigos, copos de cerveja (de muita cerveja). O corpo-cerveja se cria, se funde, se transforma – corpo-álcool: “Você é um “alcóolatra!” (disse o pai). O corpo não gosta, xinga, chora, sofre e pedala para menos álcool.

O corpo-pai reclama do corpo alcóolatra. O corpo chora, não gosta. O corpo muda, reclama, se cansa e pedala, pedala mais, corre mais, nada mais, não é mais um corpo alcóolatra. Se revigora, se renova:

Trabalhar

Nadar

Pedalar

Correr

Trabalhar

(repetir...)

O corpo funciona. O corpo alegre corre mais, corre longe, pedala mais, mais longe, nada mais. Um corpo que gosta, um corpo que gasta. *Bike* nova de montanha. Sobe mais, pedala alto, pedala mato “vara-mato”, o corpo cai, se quebra e fica de fora. Se refaz. O corpo é forte, “desejante e forte” (algum poeta disse).

Tensionar, impulsionar, pedalar mais e mais e mais. Atravessar cidades, montanhas, estradão e estradas. Faz amigos, amigas, namoradas!

Um corpo triátlon

Triathlon. Triatlo. Triátlon. Como se escreve isso? TRI Á TO LOM. O corpo pensa: não consigo é muito coisa! Trabalhar, nadar, pedalar e correr. O corpo faz. Mas, ainda pensa: não consigo, é muita coisa! O corpo não para. Pedala mais. Corre mais. Nada mais...

Corpo-mar

Mar. Medo do mar. Nadar no mar... será!!!? E se cansar? E se esgotar? E se não completar? E se afogar? E se morrer no mar? E se era a canção que não parava de cantar. Mas, e se aguentar? É preciso treinar! Pode ser que dá. Dá pra chegar. Vale a pena arriscar. Arriscar. Mas, tem que nadar, pedalar, correr e completar. E trabalhar. Não dá... o corpo ainda pensa!

Uma competição, um triátlon

Inscrição. Investimento. Vestimenta: o que usar? Como trocar? Quando trocar? Não dá é difícil demais, difícil até de pensar. Mas, o corpo pensa, treina, pesquisa, conversa, busca, tensiona até estourar. Estourar o medo? Não! A fraqueza? Não! A incerteza? Também não!!! Essas coisas não têm como largar. Tá colada, garrada, grudada, juntada, enraizada, estratificada.

O corpo persiste, compete, completa... sorrisos! O corpo sorri de alegria, de satisfação, de contentamento, de emoção... e chora! Sorri tanto que chora. O corpo se vê do alto nadando no mar. Se vê lá, nadando no mar... e vibra, o corpo vibra!

o corpo cria,
Competir
Correr
Pedalar
Nadar
Completar
Vivenciar
EXPERIMENTAR
CRIAR
RE-CRIAR
Das montanhas para o mar. Pedalar. Correr. Nadar. Desejar. Criar
em que lugar?

Onde o corpo nada, pedala, corre... em que lugar? Onde o corpo está? Território, territórios, lugar. Lugar é sempre lugar! Para competir e treinar existe sempre um lugar, uma localização, um mapa. Cartografar!

Um corpo intensivo / Cartografiar

O corpo se desloca para outro lugar. Às vezes, não está. É um outro lugar. Outros territórios. Subjetivos-territórios. Existenciais-territórios. Reais-territórios.

Experienciais-territórios, é isso! O corpo-movimento faz meu corpo viajar para outro lugar: da piscina para o mar; da lagoa para o mar; de um mar para outro mar. Outros ares, outros mares. Mares, marés, desvios. Um filme cartográfico. Uma cartografia-viva, intensiva. Não sabe onde vai dar. Algum lugar familiar, de repente outro lugar qualquer vai dar; nunca se sabe. Mas, não tem necessidade de saber, é só deixar se levar: eis o que de melhor podemos sugar da experiência do corpo em pura potência de criar – criação em devir, deixar-se ir. Permitir. Desconectar. Desacoplar. Desterritorializar. Desvincular. Desmistificar. Desamar. Desamarrar. Desatar. Reatar. Reconectar. Reconciliar. Re-amar. Remar: nadar-remar; pedalar-remar; correr-remar; trilhar-remar; viver-remar; viver-mar; viver-criar. Subjetivar!

O Corpo fala

Vários lugares ao mesmo tempo. territórios são criados e por minuto mantidos, em seguida fragmentados distribuídos misturados sobrepostos.

realidades-outras, realidades-vivas que causam arrepios, afetações, desejos e emoções. sensações boas e ruins. estão todas lá.

movimentos intensidades energias percepções sensações conexões fusões e (re)configurações. atravessamentos através de entrecruzamentos impossíveis de identificar. cognições? representações pra isso não há. representação não há. não existe nada, apenas o que há por vir, apenas um devir. um corpo-devir um corpo-sem-órgãos. um território-outro. uma singularidade, um existir em puro devir!

Esta discussão parte de uma perspectiva analítica construtivista em torno da tríade corpo, desejo e produção de subjetividade e pretende responder à pergunta colocada como o problema deste artigo: como o corpo se coloca no processo de produção da subjetividade?

Com esse intuito, fizemos um tensionamento dos conceitos abordados, articulando-os com a experiência do corpo no território triatlão, com a intensão de cartografar as intensidades que o constituíram, as suas linhas de composição.

Seguindo a discussão, é primordial atentar para que não se confunda o que chamamos aqui de subjetividade triatleta com a construção de um corpo fisicamente treinado. Imprescindível frisar que não se trata da investigação de algum tipo de treinamento específico. Este trabalho trata, exclusivamente, da análise do percurso, da cartografia do processo de produção da subjetividade triatleta aqui investigada.

De acordo com os conceitos esquisoanalíticos, cartografia e corpo sem órgãos de Deleuze e Guattari (2011a, 2011b, 2012), podemos entender que o corpo biológico funciona como uma espécie de sensor de intensidades – um corpo-sensorial com potencial de ser afetado. Já o desejo se qualifica como um dispositivo fundamental na criação de um CsO e se configura como uma potência criativo-inventiva, uma potência transformadora, que, segundo os autores, “cria seu próprio campo de imanência” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 18), cria seu território existencial.

Guattari e Rolnik (1986), ao descreverem a descentralização nos processos de subjetivação, ressaltam os diferentes modos de agenciamentos que designam diferentes processos de subjetivação. Assim, diferenciam os mecanismos de individuação e de singularização no processo de formação do sujeito: entendemos, aqui, que ambos os mecanismos influenciam os processos de subjetivação.

Entende-se, então, que se trata de diferentes arranjos subjetivos que respondem a diferentes políticas de produção de subjetividade:

A subjetividade é essencialmente social, assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares... o modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade (Guattari; Rolnik, 1986, p. 33).

A reapropriação dos componentes da subjetividade só é possível a partir de uma percepção atenta e detalhada sobre os múltiplos modos de agenciamento do inconsciente, e de uma leitura minuciosa dos diferentes processos de subjetivação.

Para melhor compreendermos esses processos, torna-se essencial discriminar os conceitos de identidade e de singularidade trazidos por Guattari (Guattari; Rolnik, 1986), conforme a passagem a seguir:

A singularidade é um conceito existencial, diz de uma particularidade nos modos de existir, de desejar e de habitar um território; já a identidade é um conceito de referenciação, de circunscrição da realidade a quadros de referência, que diz de um atributo de identificação do indivíduo (Guattari; Rolnik, 1986, p. 68).

Em outras palavras, o autor defende que “a identidade exclui a singularidade da existência através de um processo de unificação/totalização” (Guattari; Rolnik, 1986, p. 68), processo que se tornou um eficiente mecanismo de assujeitamento das individualidades/singularidades, ou seja, uma verdadeira “máquina de expressão” social.

É fato que vivemos num campo social com representações de modos de produção totalmente serializados, um contínuo processo de grupalização e individuação de sujeitos. Porém, é fundamental realçar, que vamos viver e morrer numa relação totalmente singular com esse contexto.

A exemplo disso, Guattari refere-se ao pintor e diz que este “está mergulhado em tudo o que foi a história da pintura, em tudo o que a pintura é em torno dele e, no entanto, ele a retoma de um modo singular” (Guattari; Rolnik, 1986, p. 69).

Para uma melhor compreensão da proposta deste artigo, é crucial ressaltarmos que a teoria das multiplicidades, ou a perspectiva esquizoanalítica de Deleuze e Guattari (2011b), considera, sobretudo, o corpo como um território ético, estético e político. Talvez, por essa razão, entende que todos os seus movimentos são atos políticos.

Segundo Deleuze e Guattari (2011b, p. 366), os valores éticos se destacam quando o corpo se manifesta no polo “esquizo-revolucionário”, opondo-se a um regime dominante e manipulador: seriam, esses valores, encontrados nos corpos insurgentes, instituintes e transgressores. Já os valores estéticos podem ser percebidos devido ao seu caráter representacional, semiótico e simbólico, que, geralmente, se manifesta no polo “paranoide-facistizante”: seria no contexto onde se segue a lógica do regime dominante, a lógica do instituído (é no contexto do *socius* que os corpos assujeitados se constituem – corpos manipulados e controlados, indiscriminadamente, pelo regime dominante).

Contudo, as experiências não se findam na hegemonia das práticas de dominação. Dialeticamente, como produto das forças instituintes da subjetividade, há de se desvelar um corpo-político. Nesse corpo, sob a ótica esquizo, encontra-se a potência da mudança, da transformação.

Como sugerem Deleuze e Guattari (2011a), um corpo é sempre político devido à sua potência de ser afetado. Segundo os autores, os afetos geram linhas de força que produzem tensionamentos até criar um dispositivo de fuga: diz da capacidade dos dispositivos de criarem mecanismos de liberação do desejo, o que os tornam uma potência revolucionária e transformadora, uma verdadeira “máquina de cronógena” (Deleuze; Guattari, 2011b, p. 378).

Não obstante, Deleuze e Guattari (2011b), alertam que podem ocorrer oscilações nos modos de agenciamento do inconsciente em ambos os polos e, que esses agenciamentos apresentam naturezas distintas, que dizem de diferentes formas de existência, modos e maneiras divergentes de se posicionar no mundo:

Há surpreendentes oscilações do inconsciente: a maneira pela qual se desprende uma inesperada potência revolucionária, às vezes até mesmo no seio dos piores arcaísmos; inversamente, a maneira pela qual isso vira ou se mantém fascista, pela qual isso recai no arcaísmo. (Deleuze; Guattari, 2011b, p. 366).

Essa perspectiva teórica, diz que diferentes regimes de produção de subjetividade criam diferentes corpos (corpos-políticos) e, da mesma forma, defende a ideia de que é possível “maquinar” uma subjetividade já consolidada. Porém, isso só é possível quando o sujeito se reapropria dos componentes da sua subjetividade, ou seja, quando ocorre uma autonomização sobre os seus processos de subjetivação.

Entender isso significa acreditar que o sujeito, já constituído pelos aparelhos de captura do Estado, não está condenado a viver e a morrer preso ao modo de vida imposto pelo regime dominante.

Essa teoria ressalta que é preciso criar dispositivos que permitam aos sujeitos (corpos assujeitados pelo modo de vida capitalista) tomarem consciência dos elementos que constituem a sua subjetividade, para que, assim, possam criar condições que lhes permitam modos-outros de vida e criarem seus territórios existenciais. (Guattari; Rolnik, 1986).

As pistas do método da cartografia, apontam que a diversidade convoca uma decisão metodológica e força uma atitude de pesquisa que opera não por unificação/totalização, mas, por implicação (Passos; Kastrup; Escóssia, 2012).

Portanto, os processos de subjetivação se apresentam como plano de diferenças e do diferir, frente ao qual o pensamento é convocado a acompanhar o engendramento daquilo que ele pensa: o pensamento se desvela no seu próprio fluxo, na relação intrínseca com o corpo intensivo e suas afetações, e busca evitar o caminho da representação – “Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2012, p. 10).

Não obstante, a dimensão criativa da cognição força um alargamento desse conceito e a sua inseparabilidade da ideia de criação, o que gera impasses nesse campo de estudo e que traz um problema metodológico sobre o tema da cartografia (Passos; Kastrup; Escóssia, 2012).

Passos, Kastrup e Escóssia (2012), salientam que a noção de subjetividade deve ultrapassar o modelo da representação. Segundo as autoras, “é preciso superar o pressuposto de que conhecer é representar ou reconhecer a realidade” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2012, p. 13).

A cognição criadora, ou inventiva, estabelece um compromisso ético do ato cognitivo com a realidade criada, em que a prática cognitiva engendra subjetividades e mundos, cria territórios através dos afetos vivenciados e, configura, de maneira pragmática e recíproca, o si e o domínio cognitivo – “produção de conhecimento, produção de subjetividade” (Kastrup; Tedesco; Passos, 2015, p. 13):

A ideia de que o mundo não é dado, mas efeito de nossa prática cognitiva, expressa uma política criacionista que diz sobre um modo de estar no mundo, de habitar um território existencial e de se colocar na relação de conhecimento (Kastrup; Tedesco, Passos, 2015, p. 13).

O método da cartografia, então, se apresenta como uma atitude criativa na forma de pesquisar: “Rizoma. A cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática: princípio inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real”. (Deleuze; Guattari, 1995, p. 21, *apud* Passos; Kastrup; Escóssia, 2012, p. 10).

Entretanto, apenas estudar os conceitos dessa teoria não foi suficiente para compreendermos, no campo da experiência, como isso acontece. Isso nos remete a duas questões fundamentais deste artigo: como uma prática esportiva se configura como dispositivo, cria territórios e modifica a subjetividade? E, como o corpo se coloca nesse processo-criação?

Este estudo surgiu do interesse em responder a essas questões. Para isso, foi necessária uma implicação em algum processo de produção de subjetividade. Eis que se apresenta a subjetividade triatleta do pesquisador.

O acompanhamento do percurso se deu pela via de um texto-cartografia que permitiu explicitar os movimentos-funções e as linhas de composição dessa

subjetividade; e, principalmente, identificar o processo de transversalidade de uma prática esportiva a um dispositivo de subjetivação.

Este percurso cartográfico nos permitiu explicitar os fluxos desejanter, os tensionamentos e os agenciamentos que se constituíram nesse processo e estão presentes no dispositivo. A partir deste movimento – cartografar o território –, foi possível entender a sobreposição das linhas desejanter, o “rizoma” de sustentação que permitiu a “maquinação” dessa subjetividade e, a criação de um território existencial.

Para explicar melhor os processos de produção da subjetividade, Guattari e Rolnik (1986), apontam para os elementos que se constituem como dispositivos de enunciação nos múltiplos modos de agenciamentos do desejo, e ressaltam a descentralização nos processos de subjetivação.

Tal afirmação, significa dizer que esses processos não são centrados apenas em agentes individuais (instâncias intrapsíquicas), nem unicamente em agentes grupais (elementos sociotécnicos e semiológicos). Como disseram, “são duplamente descentrados” (Guattari; Rolnik, 1986, p. 33).

Podemos dizer, então, que a subjetividade é criada/modelada tanto por vetores cognitivos quanto extracognitivos.

Segundo Guattari e Rolnik (1986), o fato da subjetividade está sempre em contato com o que lhe é exterior, e sendo constantemente afetada por vetores extracognitivos, garante sua existência como processo. De certa forma, dizem da influência de vetores extracognitivos na formação da estrutura cognitiva, sendo a última entendida como uma estrutura formada por processos cognitivos tanto simbólicos e semióticos, quanto processos inventivos e criativos. Assim, esses processos, além de possibilitarem a interação organismo-ambiente (pela via da política da representação), engendram subjetividades e mundos e permitem a expressão da singularidade (pela via da política criacionista) (Kastrup; Tedesco; Passos, 2015).

Tomemos, então, a subjetividade não como substantivo – algo acabado, finalizado –, mas como um fenômeno em constante transformação.

O que nos cabe agora, é discriminar quais elementos podem ser considerados dispositivos enunciativos e, quais elementos são constituintes dessa subjetividade. Dessa forma, será possível entender o engendramento das linhas de composição que constituem esses dispositivos.

Para isso, torna-se imprescindível destacarmos a definição de dispositivo trazida por Kastrup. A autora assevera que um dispositivo se caracteriza pela “..sua capacidade de irrupção naquilo que se encontra bloqueado para a criação, é seu teor de liberdade em se desfazer dos códigos, que dão a tudo o mesmo sentido” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2012, p. 90).

Deleuze e Guattari (2011a, p. 26), definem os dispositivos de enunciação como linhas de composição: “linhas de visibilidade, enunciação ou dizibilidade, fuga e subjetivação”. Afirmam, que essas linhas se formam e estão presentes dentro de todos os estratos, e que lutam incessantemente contra o próprio estrato dominante.

Ainda, de acordo com os autores, essas linhas se movimentam constantemente à procura de um dispositivo de abertura, uma fresta no estrato, um suporte que permita sua evasão.

Esse movimento de fuga, possibilitado por um dispositivo específico – nesse caso, o triátlon –, gera uma potência transformadora que força o estrato dominante até conseguir implodi-lo, desestruturá-lo, “desterritorializá-lo” até não haver mais como reestruturá-lo da forma-mesma anterior.

Daí, então, só poderá emergir uma subjetividade-outra, um território-subjetivo, uma subjetividade marcada por um modo de expressão singular: um modo de se posicionar, um modo de estar-no-mundo que não mais responde a uma determinação externa, e sim a uma singularidade.

Quando isso ocorre, podemos dizer que houve um processo de reapropriação dos componentes da subjetividade, como pontuam Guattari e Rolnik (1986).

O termo processo, aqui, diz da criação de uma subjetividade autêntica que corresponde a um desejo singular. Diz de um território subjetivo-existencial criado através de um dispositivo de subjetivação pré-individual (que se configura a partir de elementos pré-sociais, particulares); um território produzido de forma autônoma e menos alienada da política de produção de subjetividade empregada pelo regime capitalista.

Um adendo surge como reflexão: em analogia, podemos cotejar vários estratos sociais dominantes que criam corpos identitários, dominados, controlados. Como dizem Guattari e Rolnik (1986, p. 69), o estrato dominante cria “identidades serializadas”. Como exemplos, podemos citar o machismo, o racismo, as várias fobias sociais e as instituições – educacionais, religiosas, familiares, etc.

No entanto, da mesma forma como vislumbram os autores (Guattari; Rolnik, 1986), desses estratos dominantes, podem (in)surgir – e, com certeza, o farão – corpos transgressores, insurgentes, transversais, criativo-revolucionários e, permitindo-nos um neologismo, corpos trans-formados.

A citar como exemplo todo e qualquer corpo que se opõe a uma ordem preestabelecida que nega o instituído e força os agentes públicos – agentes políticos, sociais, econômicos e culturais – a re-pensarem a ética do/no instituído e reorganizar suas ações no mundo; a reorganizar sua práxis sobre e para o coletivo.

Ao tensionarmos esta reflexão para o assunto central do artigo, que trata exclusivamente da subjetividade triatleta do pesquisador, podemos apontar como o corpo-atleta é representado nas mídias de comunicação, nos projetos e programas sociais e nas instituições – sejam elas voltadas para o desporto rendimento, participativo ou educacional.

Em geral todas têm como base o princípio da competitividade e a maquinação do corpo – antes sem órgãos – em um corpo-atleta-dócil, como via de sustentação econômica e/ou ascensão social.

Que fique claro que o conceito corpo sem órgãos, trazido por Deleuze e Guattari (2012), não se opõem aos órgãos, mas à dinâmica da organização imposta a estes, a fim de obter maiores benefícios para o Estado – uma espécie de economia do desejo.

Tornam-se, assim, incapazes de (re)pensar e (re)organizar suas práticas que são, até hoje, engessadas, estratificadas e estratificantes, para torná-las práticas de libertação.

Surge, desta reflexão, a necessidade de criarem condições outras que viabilizem maiores investimentos em pesquisas no âmbito da educação, e que confirmem interesse maior sobre os processos de produção de subjetividades não (apenas) pela via da representação, mas, por um viés construtivista.

É urgente criarmos estratégias educacionais que sigam uma política de produção de subjetividade, em que se acredita/afirma que produzir conhecimento é também produzir subjetividade e, portanto, criar seus próprios dispositivos de subjetivação.

CONCLUSÕES / CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o estudo realizado, foi possível identificar fragmentos importantes no texto-cartografia que indicam elementos fundamentais na construção do triatlão como um território subjetivo, um dispositivo de subjetivação. Esses elementos podem ser considerados componentes de uma subjetividade criada de forma singular.

Dessa forma, o corpo triatleta, aqui investigado, indica uma subjetividade que responde a uma singularidade, a um modo particular de se relacionar e de experimentar o desejo. Indica a construção de agenciamentos que potencializam o desejo e criam um território para sua experimentação – criam o seu campo de imanência; ou seja, o seu CsO.

Isso significa dizer que, diante de um estrato dominante conhecido como o mundo do triátlon – que, por sua vez, é constituído por múltiplas identidades triatletas –, emergiu uma singularidade, um modo particular de vivenciar e experimentar esse mundo. Mundo que devido a seus agenciamentos específicos configurou-se em um território subjetivo-existencial.

Por fim, podemos concluir que a construção dos processos de subjetivação mostra-se na dinâmica das experiências com o esporte em contraposição a uma visão ontológica e estática da subjetividade, que pode ser reduzida por uma performance de resultados do corpo.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. **Políticas da Cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2015.



DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14062732>

e-ISSN: 2177-8183

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do Método da Cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROMAGNOLI, R. C.; SIMONINI, E. A. Invenção da esquizoanálise por Gilles Deleuze e Félix Guattari e algumas problematizações para a educação. **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, n. 3, p. 1-15, 2023. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v16i3.68493>